



**BIRD BOX, A QUIET PLACE E O NOVO CORONAVÍRUS:
POR UM ENSAIO**

Em Bird Box e A Quiet Place, os cenários caóticos de dois mundos pós-apocalípticos nos conferem a consciência de que existe uma monstruosidade, ou um espectro, que aniquila a vida das pessoas, fazendo com que a única maneira cabível de sobrevivência das personagens seja a restrição de alguns dos seus sentidos. Assim, este trabalho tem o objetivo de apresentar reflexões acerca das obras, procurando estabelecer uma interface com o contexto do novo coronavírus (doravante Covid-19). Além disso, almejamos ensejar uma discussão sobre os impactos ocorridos nas condições humanas e nas relações sociais, tendo como pano de fundo o capitalismo e a monstruosidade nas narrativas. Saliento que minhas reflexões partem dos conceitos de distopia abordado por Michael Löwy (2005) e Leomir Hilário (2013) e de monstruosidade abordado por Julio Jeha (2007).

Palavras-chave

Distopia; Coronavírus; Capitalismo; Monstruosidade

Esdras Vitor Samuel Elói dos Santos

eloivitor61@gmail.com • <https://orcid.org/0000-0002-0649-3657>



INTRODUÇÃO

No âmbito literário e cinematográfico, a construção das estruturas narrativas distópicas tem tematizado os cinco sentidos humanos como uma alegoria. Esta apresenta a ideia de uma ruptura que é estabelecida sobre a ideia principal da história, constituindo um contraponto social, em que as pessoas são restringidas a falar, a fazer barulho ou olhar, isto é, para garantirem a sobrevivência, as condições humanas e as relações sociais são limitadas. A expansão do coronavírus nos diversos países do mundo tornou-se objeto de discussão, buscando entender para além do isolamento social como medida de prevenção, o que esse vírus pode representar.

Destarte, a proposta do ensaio é esclarecer a intersecção que se estabelece entre cinema, literatura e o contexto social vigente, que diz respeito à propagação do Covid-19, discutindo os impactos que ocorrem nas relações humanas e sociais. Além disso, para a apresentação das reflexões a qual me proponho discorrer, é necessário entendermos também alguns desdobramentos sobre a influência capitalista.

1. DISTOPIA

É sabido que cinema e literatura possuem características diferentes, cada qual com suas particularidades, como por exemplo, a linguagem. A linguagem do cinema é visual e a do livro é literária. No entanto, entre ambas, como “a multiplicidade dos caminhos e possibilidades propõe um debate que nunca se esgotará” (Lopes, 2020), é necessário pontuar apenas um dos elementos mais comuns entre as duas, que é a questão da estrutura narrativa. Esta é a conexão principal, porque para Michel do Espírito Santo (1973, p.49), por exemplo, o filme cinematográfico de longa metragem constitui-se quase sempre como uma narração, ou seja, uma mensagem complexa, apresentando uma série de situações, de acontecimentos, e de ações de personagens estabelecidos na unidade de uma história. Sinteticamente, então, literatura e cinema postulam o tema da obra em suas estruturas narrativas como fundamental para o desenvolvimento das ações.

Dessa forma, no tocante à distopia, sabe-se que a sua construção narrativa se aplica tanto aos livros quanto aos filmes. Mas do que estamos falando de fato quando

abordamos a distopia? Certamente, aqui, como já entendido, trataremos desse gênero relacionado ao cinema e à literatura, buscando relações temáticas.

Ao analisarmos a etimologia da palavra distopia, encontramos o prefixo *-dis*, correspondente ao significado de doente, de dificuldade ou anormalidade. No sufixo *-topia*, oriundo do grego *-topos*, a correspondência diz respeito ao significado de lugar. Então, literalmente distopia é a forma distorcida de um lugar. Isso porque como afirma Hilário (2013, p. 206):

“As distopias problematizam os danos prováveis caso determinadas tendências do presente vençam. É por isso que elas enfatizam os processos de indiferenciação subjetiva, massificação cultural, vigilância total dos indivíduos, controle da subjetividade a partir de dispositivos de saber etc. A narrativa distópica é antiautoritária, insubmissa e radicalmente crítica.”

Posto isso, é cabível pontuar o que postula Löwy (2005, p. 24) sobre o pessimismo ativo como um elemento que constitui a narrativa distópica. Tal elemento constrói a colocação do futuro na posição do que é desordenado, caótico. O contexto sócio-histórico relacionado ao surgimento da distopia, manifestada primeiramente na esfera literária, refere-se ao início do século XX. Naquela época, o imperialismo entrava em ascensão e como afirma Lenin (2008, p. 129) o capitalismo atingia a fase agonizante, de decomposição. Ele ressalta que essa fase “pode permanecer em estado de decomposição durante um período relativamente longo.”

Assim sendo, as distopias surgem para representar justamente a acusação das violências governamentais e dos conflitos sociais daquela época.

2. BIRD BOX E A QUIET PLACE

Verificamos que distopia representa a forma distorcida de um lugar e que existe a degradação da sociedade situada em um futuro resultante de uma catástrofe. É dessa forma que acontece em *Bird Box* e em *A Quiet Place*. Em *Bird Box*, livro que foi adaptado ao modelo de filme – trataremos do filme como objeto de análise –, encontra-se um mundo regido por insanidade, onde as pessoas que se mantêm de olhos abertos, são tomadas por impulsos de violência e praticam autoflagelações, desencadeando o suicídio. Malorie, a protagonista da história, juntamente com seus dois filhos, traça o caminho para um refúgio, pois só assim o problema pode ser resolvido. É interessante pensar que a

construção do enredo nos referencia o cenário caótico, em primeiro plano, na cidade. Em meio ao trânsito, os automóveis começam a perder o controle e a provocar vários acidentes simultâneos por conta de as pessoas estarem de olhos abertos. Além disso, em um momento do filme, há também a situação de trabalhadores cometendo suicídios nos ambientes de trabalho.

Já em *A Quiet Place*, conta-se a história de uma família que vive em um mundo pós-apocalítico, onde não se pode emitir ou causar sons bruscos, pois uma criatura desprovida de visão se orienta pelo som, devorando a pessoa que causou o barulho. No início do filme, o cenário caótico é situado também na cidade, onde encontra-se a corrosão do tempo a destruindo aos poucos. Depois, a família busca por sobrevivência em uma casa no campo, estabelecendo comunicação por meio da língua de sinais.

Com isso, torna-se claro que o ponto fundante das duas histórias propõe uma premissa. Esta é o nosso interesse de discussão: a representação de uma monstruosidade. Jeha (2007) a define como o estratagema para rotular tudo que infringe os limites culturais, isto é, funciona como um aviso, ou um castigo, por alguma ruptura ou falha cometida. Segundo o autor, os monstros são “a própria representação dos medos e perigos presentes na experiência humana”. Em um caso, não se pode olhar a realidade material, no outro, a fala é limitada.

3. A INFLUÊNCIA CAPITALISTA

A correspondência restritiva dos sentidos se aplica também ao momento em que vivemos, pois a única medida de prevenção do contágio do COVID-19, assim como estabelecido pela OMS (Organização Mundial de Saúde), é ficar em casa para evitar aglomerações de pessoas nos lugares. Essa situação tem sido um grande desafio para as pessoas que precisam estar perto umas das outras, com a falta do abraço e do contato, sem a competitividade do dia a dia, sem o acúmulo de tarefas e de informações, sem o trânsito, sem o barulho, somente os seres humanos e suas mentes. Uma fase silenciosa. É importante lembrar o que constitui a realidade social em que estamos inseridos, bem como, que processos nos levaram a viver uma realidade, em que os valores são materiais e ditados por um sistema claustrofóbico, que visa a individualidade e o egoísmo do homem. Nesse ponto, pode-se imaginar que postulamos o impacto do capitalismo nas relações humanas.

O sistema capitalista econômico e social, alcançou a sua busca pela acumulação de capital e de lucros, trazendo a sua ideologia para um “desenvolvimento” – ao qual faço questão de o colocar em aspas, posto que o seu modo de funcionamento social traz consigo inúmeras problemáticas – industrial e urbano. Estes centram-se sobre o crescimento desenfreado das cidades e das indústrias, que conseqüentemente, trouxe o consumo e o ritmo de uma sociedade que vive na maior parte do tempo de forma mecânica.

Sem dúvidas, a urbanização e a industrialização em seu ponto de partida no século XIX era uma tecnologia que prometia a maior confortabilidade e qualidade de vida para os habitantes. No entanto, o crescimento urbano apontava à ascensão de uma cultura burguesa, tendo a modernidade como um de seus desdobramentos.

Dessa forma, enquanto a produção das indústrias saltava, o capitalismo em seu ponto culminante, fazia crescer também abundantemente a urbanização, que por sua vez, contava com a criação de grandes metrópoles. Estas representavam ao homem que vivia naquela época, uma grande insatisfação, assim como pontua Simmel *apud* Raminelli (1997, p. 271-291):

Os habitantes da metrópole são bombardeados a todo instante por informações, que se fixam na mente devido às diferenças que distinguem umas das outras. Esta percepção é uma capacidade vital para o homem, pois ele é um ser de diferença: sua consciência movimenta-se pela diferença entre impressão de um instante e aquela que a precede. Nos grandes centros urbanos, há uma alteração brusca e ininterrupta entre estímulos interiores e exteriores.

Nos dias atuais, o crescimento populacional tem crescido progressivamente, e esse mesmo mal estar permanece. Muitos habitantes dos grandes centros urbanos realizam seus movimentos pendulares cansativamente por conta dos trânsitos demorados e das ruas estreitas, que são conseqüências do grande crescimento das empresas automobilísticas.

4. ANÁLISE

Um dos pontos constituintes da relação que podemos estabelecer entre os filmes “Bird Box” e “A Quiet Place” e a influência capitalista é a proximidade de ideias que causam um embate ao que chamamos, como já abordado, de distopia. Conforme

consideramos, o gênero distópico possui o aspecto pessimista, que determina a construção do futuro como a previsão dos acontecimentos do presente. Essa visão que vem da ordem do caótico é similar à situação que a população vivencia devido ao contágio do Covid-19 na sociedade.

Em ambas as histórias, tem-se o espaço urbano como a representação do que é degradável, como se todas as problemáticas ocorridas nas cidades decorressem a um mundo pós-apocalíptico e de sobrevivência. A monstruosidade ou o espectro presente nas histórias é a causa da luta pela sobrevivência.

Se estamos lidando atualmente com a representação de uma monstruosidade, esta, me parece que não causa muito medo. Vejamos, um dos acontecimentos do dia 30 de Março de 2020 foi marcado pela circulação do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, em diversos lugares, defendendo a ideia de rompimento da quarentena, pois segundo ele, a economia é mais importante. Outro acontecimento, referente ao dia 19 de março de 2020, foi marcado pela hashtag “VirusChines”, a qual atingiu um dos primeiros tópicos entre os assuntos mais comentados do Brasil. O deputado federal do estado de São Paulo, Eduardo Bolsonaro, com declarações xenofóbicas, criticou o governo chinês, sugerindo que o vírus tem etnia, e este é chinês. Seria, então, um vírus ideológico?

A verdade é que a distopia apresentada tanto em livros quanto em filmes, tem se aproximado das narrativas político-sociais e trazido questionamentos do que de fato representa a monstruosidade no cenário atual.

Os monstros representam, propondo uma interface com a vigência do coronavírus na sociedade, exatamente o capitalismo. Uma sociedade que questiona a importância da saúde em detrimento da economia capital, caminha para o fim. Não é necessário ir longe demais pra perceber que o desenvolvimento industrial, urbano e comercial trouxe a degradação da vida na terra. A produção desenfreada de materiais que prejudicam o meio ambiente desencadeou a ocorrência de desastres naturais e mudanças climáticas como fenômenos que falam por si só. E é nesse prisma que se postula: existe uma verdade global que a população não quer enxergar e se enxerga, não quer falar, porque é muito mais cabível omitir os acontecimentos, ou tomar partidos ideológicos dizendo que o vírus é chinês, do que ter a consciência de tal fenômeno como um meio para não se repetir o que já está acontecendo com o meio ambiente e com as relações humanas devido ao capitalismo. A sociedade capitalista encontra-se fixada em uma esfera, a qual torna as relações humanas e sociais, bem como a preservação do meio ambiente, fatores

secundários. O egoísmo do homem moderno é a primazia nesse meio, fazendo com que o poder e desigualdade social se perpetue.

Todos esses pontos esbarram no que acontece pós-quarentena. Quais serão os impactos que ocorrerão posteriormente? Como a sociedade deve lidar? E quais são as responsabilidades necessárias das organizações estatais? Percebemos até aqui, que a economia, o trabalho e os afazeres cotidianos fazem parte do mecanismo capitalista em que nossa sociedade está inserida. No entanto, quando pensamos sobre a luta que está sendo travada para sobreviver, sabemos que existem outros valores em jogo.

Logo após uma tempestade destruir tudo, a tarefa mais importante é a de reestruturação. E nesse enquadre é que percebemos, também, como podem surgir novos olhares sobre os diversos núcleos que compõem a sociedade. Um desses baseia-se no sistema de ensino, por exemplo. O ensino necessita de uma nova perspectiva educacional, uma perspectiva que torne inadmissível a negligência do ensino de ciências humanas e sociais, tais como filosofia e sociologia nas escolas de ensino médio, pois estas desenvolvem o pensamento crítico da sociedade.

CONCLUSÃO

Contudo, o fato é que o corona vírus e o capitalismo são dois fenômenos que dialogam entre si pela representação de uma monstruosidade. Porém, o vírus se assenta no cenário vigente como um propósito de evolução perante ao caos capitalista. Independente de uma luta que represente algo simbólico ou real, sabemos que assim como em Bird Box e em A quiet Place o mundo se depara com um monstro, que torna a interação social limitada, mas faz com o dever de sobrevivência, ou em outras palavras, de ficar em casa, revele a necessidade de pensar e refletir criticamente sobre os possíveis caminhos de cura.

REFERÊNCIAS

BIER, S. (Dir.). **Bird Box**. Califórnia: Netflix, 2018.

ESPÍRITO SANTO, M. **Cinema, estudos de semiótica**. Petrópolis: Vozes, 1973.

HILÁRIO, L. C. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v.18, n.2, 2013, pp.201-215.

KRASINSKI, J. (Dir.). **A Quiet Place**. Nova Iorque: Paramount Pictures, 2018.

LENIN, V. I. **O imperialismo**: fase superior do capitalismo. Trad. Leila Prado. São Paulo: Centauro, 2008.

LOPES, C. **Cinema e literatura**: dança e tropeço. Disponível em: http://verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=246. Acesso em 13 de Maio de 2020.

LÖWY, M. **Aviso de incêndio**: uma leitura das teses “Sobre o conceito de História”. São Paulo: Boitempo, 2005a.

RAMINELLI, R. História Urbana. In: FLAMARIOM, C.; VAINFAS, R. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp. 271-291.

ABSTRACT

In the movie Bird Box and A Quiet Place, the chaotic scenarios of two post-apocalyptic worlds give us the awareness that there is a monstrosity or a spectrum that destroys people's lives, Making the only possible way of survival for the characters to be the restriction of some of their senses. Thus, this study aims to present reflections on the film productions, seeking to establish an interface with the Covid-19 context. In addition, we aim to propose a discussion on the impacts that happened on human conditions and social relations, against the background of capitalism and monstrosity in narratives. I emphasize that my reflections are based on the concepts of dystopia approached by Michael Löwy (2005) and Leomir Hilário (2013) and from the monstrosity approached by Julio Jeha (2007).

KEYWORDS

Dystopia; Coronavirus; Capitalism; Monstrosity

BIRD BOX, A QUIET PLACE AND THE NEW CORONAVIRUS: AN ESSAY

Esdras Vitor Samuel Elói dos Santos

Graduando Letras • Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Recebido em 01/05/2020

Aceito em 23/05/2020